

Ballet Teatro Guaíra em *Drama*: revelação de intensidades

Por Sandra Meyer¹
Janeiro de 2012

O corpo de baile do Balé Teatro Guaíra (BTG) e a coreógrafa Carmen Jorge. Assim que soube desta nova parceria não medi esforços para ir a Curitiba em dezembro de 2011 assistir a estréia de *Drama*, o espetáculo dirigido pela coreógrafa paranaense, junto a outra duas montagens: *Treze gestos de um corpo*, obra composta por Olga Roriz, dançada pela primeira vez pelo Balé Teatro Guaíra em 1990, e a remontagem de *Caixa de Cores*, de Luiz Fernando Bongiovanni. A sequência das obras apresentadas (*Treze gestos de um corpo*, *Caixa de Cores* e por último *Drama*) revela diferentes momentos e escolhas estéticas da histórica companhia paranaense. O entendimento de corpo e de movimento, bem como de processos criativos que estes três trabalhos coreográficos apresentam reflete diferentes fases vivenciadas pela Cia nos quarenta anos de sua trajetória.

Sabemos da importância do BTG no contexto nacional, bem como dos desafios para a manutenção uma companhia pública, e eles são de toda ordem. A escolha do repertório é um dos fatores determinantes para a construção de uma identidade, ainda que necessariamente múltipla. Em meio a notoriedade que a companhia conquistou com *O grande Circo Místico*, a célebre montagem de Carlos Trincheiras, muitos coreógrafos brasileiros e estrangeiros de diferentes abordagens trabalharam com o elenco do BTG, nem sempre com uma contribuição artística que propiciasse uma renovação da presença da companhia no cenário da dança contemporânea. A multiplicidade de visões do repertório de uma Companhia, se por um lado possibilita ao elenco o contato com processos de criação diferenciados e ao público fruição diversa, por outro, pode acarretar numa dispersão caso as obras coreográficas não estejam envolvidas num projeto artístico maior que as conecte.

Em detrimento de outros importantes direcionamentos em gestões anteriores, o momento em que a Cia de encontra demonstra um inigualável vigor. Tendo a pesquisadora e diretora Andréa Sérgio à frente, o BTG tem se movido em direção à novas experiências e à perspectivas contemporâneas num programa cultural e pedagógico mais amplo, intitulado “Corpo Público”. O programa engloba palestras e cursos abertos à comunidade ministrados por acadêmicos e artistas, a acessibilidade da comunidade a ensaios e a circulação de trabalhos coreográficos em escolas públicas, bem como um investimento em processos de criação compartilhados com os bailarinos do BTG.

Estas ações voltadas para a comunidade ganharam potência com a parceria estabelecida com a coreógrafa Carmem Jorge, sendo ela a primeira coreógrafa residente do BTG. Uma escolha ajustada para esta nova fase da Cia, em se tratando de uma profissional que conhece o contexto paranaense e de uma pesquisadora atenta a questões latentes do mundo contemporâneo. Em *Coreografias para Ambientes Preparados – CPAP*, o BTG estendeu sua ocupação para além do palco, atuando nos espaços do Centro Cultural Teatro Guaíra utilizando-se de tecnologias da imagem. A experiência de Carmem com mídias diversas investigadas em sua

¹ Professora do Programa de Pós-Graduação em Teatro e da Licenciatura e Bacharelado em Teatro do Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC. Doutora em Artes, Comunicação e Semiótica - PUC/SP.

própria companhia - PIP Pesquisa em Dança – foi fundamental para a construção da cena. Novas relações que propiciaram tanto aos artistas quanto ao público experiências diferenciadas daquelas comumente compartilhadas em trabalhos anteriores apresentados pela Cia no palco italiano.

Falemos especialmente de *Drama*. O trabalho abriu um espaço de co-existência, uma possibilidade de produzir intensidades. A dramaturgia foi sendo construída por meio da investigação de memórias, desejos e atitudes dos intérpretes, co-criadores do processo. Vê-se um elenco, de altíssimo nível, como ator de sua própria história, e um espectador mais próximo de uma partilha de sensibilidades. Ambos, artistas e espectadores, compondo sua poética.

Em uma companhia do porte do BTG, com anos de práticas sedimentadas por outras noções de processo criativo, tais como aquelas em que o coreógrafo repassa movimentos previamente orquestrados, a proposta de “potencializar o indivíduo/artista e redefinir a noção de coletivo” lançada por Carmem Jorge foi seminal. Ausente de um encadeamento narrativo explícito, *Drama*, que em sua etimologia proveniente do grego significa “em ação”, em seu plano de composição aciona blocos e sensações. Momentos preciosos e potentes na especificidade da movimentação dos corpos e na plasticidade do espaço criado apontam para uma obra de transição, em que o elenco do BTG se permite tocar e ser tocado por sutis intensidades, reorientando-se para outras possibilidades de re-existência. A cena brasileira celebra este momento, esperando a continuidade do programa “Corpo Público”.